

FENOMENOLOGIA VERSUS POSITIVISMO CIENTÍFICO: METODOLOGIAS APLICADAS ÀS PESQUISAS EM COMUNIDADES HUMANAS

PHENOMENOLOGY VERSUS SCIENTIFIC POSITIVISM: METHODOLOGIES APPLIED TO RESEARCHES IN HUMAN COMMUNITIES

FENOMENOLOGÍA VERSUS POSITIVISMO CIENTÍFICO: METODOLOGÍAS APLICADAS A LAS INVESTIGACIONES EN LAS COMUNIDADES HUMANAS

Eduardo Beltrão de Lucena Córdoba¹

¹Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da UFPB; Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente UFPB. Pesquisador do GEPEA/GEPEC do Centro de Educação da UFPB, Campus I.

RESUMO

O campo da pesquisa científica para o ser humano traz duas abordagens principais, a Quantitativa e a Qualitativa. Elas divergem quanto aos aspectos metodológicos, principalmente quanto à qualitativa, que, pela sua complexidade de entendimento, ainda encontra resistência em sua aceitação pela comunidade científica, ficando restrita às áreas sociais e humanas da academia. No entanto, quando comparada ao positivismo quantitativo, sua análise da subjetividade humana a partir das vivências e interações dos sujeitos, os resultados obtidos quando analisados por esta abordagem e metodologia, trazem um recorte mais detalhado e apurado das realidades investigadas. Os conflitos entre estas vertentes são evidentes, mas cada qual com sua aplicabilidade em virtude do objeto a ser estudado e das hipóteses a serem testadas pela metodologia científica. É fundamental o respeito à ética na pesquisa com seres humanos. Além disso a pesquisa com seres humanos tem de estar de acordo com o que determina a legislação vigente, visando unicamente, o bem-estar das comunidades envolvidas e em consonância com o desenvolvimento técnico-científico da sociedade.

Palavras-Chave: Pesquisa Científica; Pesquisa Qualitativa; Ética na Pesquisa; Ser Humano.

ABSTRACT

The field of scientific research for the human being has two main approaches, the Quantitative and Qualitative approach. They are different when it comes to the methodology used to achieve them. The Qualitative approach has a more complex interpretation so the scientific community is reluctant to accept it entirely which limits it within the social and human academic areas. However, when compared to the quantitative positivism its human subjectivity analysis regarding the subjects' experiences and interactions, the results obtained by the qualitative methodology show a more detailed and accurate aspect of the situations investigated. The conflict between these two approaches are evident because they have different applicability depending on what is the core of the study and the hypothesis to be tested by the scientific methodology. It is of paramount importance the ethics in research with human subjects. In addition, the research with human subjects has to follow the current legislation in order to preserve the well-being of the communities involved and it has to go along with the society scientific and technical development.

Keywords: Scientific Research; Qualitative Research; Ethics in Research; Human Being.

RESUMEN

El campo de la investigación científica para el ser humano trae dos enfoques principales, la cuantitativo y cualitativo. Se diferencia en cuanto a los aspectos metodológicos, especialmente en cuanto a lo cualitativo, la complejidad de la comprensión, aún encuentra resistencia en su aceptación por la comunidad científica, siendo restringida a las áreas sociales y humanas de la academia. Sin embargo, en comparación con el positivismo cuantitativo, su análisis de la subjetividad humana a partir de las experiencias e interacciones de los sujetos, los resultados obtenidos cuando se analizaron por este enfoque y metodología, traen un recorte más detallado y exacto de las realidades investigadas. Conflictos entre estos filamentos son evidentes, pero cada uno con su aplicación en virtud del objeto a estudiar y de las posibilidades de que sean verificadas por la metodología científica. Es esencial para el respeto de la ética en la investigación con seres humanos. Además de la investigación con seres humanos debe estar conforme a la legislación vigente, que visa el bienestar de las comunidades involucradas y en línea con el desarrollo científico-técnico-científico de

Palabras clave: Investigación científica; Investigación cualitativa; Ética en la investigación; Ser humano. Sociedad.

INTRODUÇÃO

A ciência é pautada em normas e regras para validar seus estudos, consagrando o modelo científico de investigação para obtenção de resultados e respostas aos fenômenos e fatos estudados. Seguindo os pressupostos da observação de um fenômeno ou fato, elaborando hipóteses, aplicando metodologias e analisando os resultados obtidos, a ciência vem respondendo as inúmeras questões da humanidade, criando suas bases teóricas e tecnológicas (BRANDÃO, 2011).

Estas pesquisas vêm elucidando, ao longo dos séculos, os problemas e questionamentos da humanidade tendo papel crucial no desenvolvimento do conhecimento em todas as áreas das ciências humanas, exatas, médicas, sociais, etc. bem como da própria sociedade. Tais pesquisas criam novas tecnologias (GENTIL, 2011). Porém, neste viés, a quantidade de pesquisas nem sempre corresponde a um qualitativo equivalente o que leva algumas a nem serem publicadas. Elas não esclarecem fenômenos e nem culminam no desenvolvimento de novas tecnologias. Partindo deste pressuposto, Gentil (2011), ao tratar da pesquisa educacional, retoma o paradigma das pesquisas sociais e as aplicações metodológicas quanto ao dualismo em relação às pesquisas das áreas exatas e ao das voltadas ao positivismo cético e objetivo que muitas vezes não conseguem esclarecer as questões subjetivas e abstratas da condição humana. Deste

modo, como enfatiza Capra (2006), a ciência se desenvolveu com bases no cartesianismo da lógica Newtoniana. Assim sendo pouco mudou ao longo dos séculos e pouco esclareceu aspectos da subjetividade dos aspectos dos fenômenos da relação do ser humano com os da própria espécie e com o mundo à sua volta.

As ciências humanas e sociais, através de suas pesquisas em comunidades, sejam elas urbanas, do campo ou tradicionais, buscam o entendimento do mundo natural, das relações interpessoais, da condição social da espécie humana, e dos problemas e desafios do mundo contemporâneo. Elas também buscam o entendimento dos paradigmas e paradoxos que se relacionam, convergem ou divergem no desenvolvimento da vida cotidiana (CAPRA, 2006; GENTIL, 2011). É através destes estudos que a subjetividade emerge, já que, cada indivíduo é único, abstrato, historicamente construído e que evolui sócio-culturalmente ao longo do tempo (CÓRDULA, 2013a; RODRIGUES, 2001). Por esta razão, pesquisar quantitativamente e assumir uma visão positivista, não traz à tona todas as nuances das variáveis que interferem nos resultados obtidos com estas pesquisas, tais como: o cognitivo do indivíduo, suas origens, condição social, cultura, afetividade e tudo que norteia a sua condição humana (CÓRDULA, 2014; RODRIGUES, 2001). Para tentar apontar caminhos metodológicos para as questões não mensuráveis pela então ciência cartesiana positivista bem como elucidar questões qualitativas e subjetivas dentro dos modelos de tipologias de pesquisa tem-se na Fenomenologia, nascida em Husserl (Gentil, 2011), as condições apropriadas para interpretar e elucidar a subjetividade humana, sobre si mesmo e o mundo à sua volta. Por isso, as características inter e transdisciplinares associadas à Fenomenologia são fundamentais na sua concepção, já que a mesma agrega, em sua essência, outras áreas de conhecimento como a filosofia, a antropologia, a sociologia e a pedagogia (CÓRDULA, 2013b; SILVA, 2002).

Neste sentido, o presente estudo busca trazer à luz da discussão a Fenomenologia em contraste ao positivismo científico e suas aplicações na pesquisa em comunidades humanas. Ele também traça uma discussão acerca do método científico e da vertente positivista das pesquisas e da fenomenologia como modelo e metodologia de pesquisa, além de suas aplicações em estudos com seres humanos enfatizando também a própria

ética envolvida nestes processos científicos. Para tanto, foi utilizado a pesquisa Bibliográfica em consultas aos acervos do *Google Acadêmico* e periódicos científicos indexados no *Scielo* além de publicações impressas (livros) consultados no acervo da Biblioteca Central da UFPB (MARCONI; LAKATOS, 2004). As fontes encontradas foram citadas e compuseram a base de discussão qualitativa descritiva do presente estudo.

O MÉTODO CIENTÍFICO

O método científico se baseia na objetividade da análise e na interpretação imparcial de fatos e fenômenos que podem ser mensuráveis por modelos de previsão destas ocorrências no meio em estudo ou por modelos de leitura da realidade atual (MARCONI; LAKATOS, 2004). Estes modelos, geralmente são estatístico-matemáticos vindos da ciência positivista cartesiana, que quantifica seu objeto de estudo para depois analisá-lo (CAPRA, 2006). Já outros modelos ditos qualitativos tratam da subjetividade dos fenômenos das adversidades e variáveis envolvidas na condição de análise (CHIZZOTTI, 2003). *Ibidem* (p.223), expõe em seu estudo que a pesquisa qualitativa se fundamenta na "(...) combinação das tendências que se aglutinam", como a fenomenologia, o construtivismo, a crítica, a etnometodologia, a interpretacionista e em outros modelos de pesquisa cuja conotação epistemologia busca perceber, analisar e interpretar dados não quantitativos da percepção humana.

Portanto, atualmente, ao se estudar o ser humano duas abordagens de pesquisas podem ser utilizadas: a Quantitativa e a Qualitativa.

A Pesquisa Qualitativa como já sugere a semântica do termo, "não se preocupa com representatividade numérica, mas sim com o aprofundamento da compreensão de um grupo social" (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p.31). Os pesquisadores desta vertente, consideram que não existe um modelo único de pesquisa para todas as ciências e cada uma possui sua particularidade, portanto deve ser analisada sobre diferentes vertentes, métodos e técnicas (GIL, 1987).

A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da

dinâmica das relações sociais [...] As características da pesquisa qualitativa são: objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de *descrever*, *compreender*, *explicar*, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciência (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 32).

A Pesquisa Quantitativa surge do positivismo lógico e busca obter dados quantificáveis de forma objetiva que são expressos numericamente através de modelos estatísticos, físicos e matemáticos, cujos pesquisadores que a utilizam acreditam que ela seja um modelo único e aplicável à todas as ciências (GÜNTHER, 2006; SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009).

Há, portanto, diferenças contrastantes nestes dois modelos de pesquisa (Quadro 1). É predominante na academia a adoção de apenas uma destas vertentes como modelo de pesquisa. Porém, atualmente, cresce o número de pesquisas que aliam métodos qualitativos e quantitativos, buscando como fontes a pesquisa social, bem como das áreas exatas, mesclando a atual vertente intitulada de quali-quantitativa (MOREIRA, 2004; WITTER, 2011).

Quadro 1 - Comparativo entre os aspectos das Pesquisas Qualitativas e Quantitativas

Aspecto	Pesquisa Quantitativa	Pesquisa Qualitativa
Enfoque na interpretação do objeto	menor	maior
Importância do contexto do objeto pesquisado	menor	maior
Proximidade do pesquisador em relação aos fenômenos estudados	menor	maior
Alcance do estudo no tempo	instantâneo	intervalo maior
Quantidade de fontes de dados	uma	várias
Ponto de vista do pesquisador	externo à organização	interno à organização
Quadro teórico e hipóteses	definidas rigorosamente	menos estruturadas

Fonte: Silveira e Córdova (2009, p.33).

Ao pesquisar um fenômeno (objeto de estudo) que, obrigatoriamente tem que estar clarificado e delimitado (recorte da pesquisa), há a necessidade de bases teóricas

para poder especificar os objetivos, a(s) hipótese(s), as metodologias e técnicas a serem aplicadas. Há também a necessidade de se considerar a ética envolvida para alcançar os resultados, que se transformarão em produções acadêmicas científicas (TCC [Trabalho de Conclusão de Curso], artigos, dissertações, teses, ensaios, livros, etc.) (WITTER, 2011).

Estas duas vertentes de pesquisa são, inquestionavelmente, as correntes dos processos de investigação da ciência, pois delineiam métodos, instrumentos e técnicas de obtenção de dados a partir de hipóteses a serem testadas bem como de meios para análise dos resultados encontrados (BRANDÃO, 2011) (Figura 1). Todo pesquisador, portanto, é movido por uma indagação sobre um fenômeno ao qual ele observa. Desta observação nascem uma possível/possíveis resposta (s) ainda a ser testada, que é/são a (s) hipótese(s) (GIL, 1987). Ao utilizar o método científico para testar esta hipótese (s), poderá ou não confirmar o resultado (resultado totalmente positivo, parcialmente positivo ou negativo). Independentemente do resultado, haverá a provável elaboração de uma teoria em relação ao fenômeno estudado.

Vale salientar que resultados negativos podem ter três conclusões: a primeira é a de que a metodologia não foi adequada à investigação, portanto, deve-se utilizar outras metodologias e técnicas e a segunda é a de que houve alguma interferência que influenciou negativamente o resultado (contaminação do resultado), devendo ser repetido após um período de tempo e a terceira é a de que o resultado é realmente negativo, ou seja, a hipótese não foi comprovada, mas mostra um resultado inesperado que deve ser criteriosamente analisado e divulgado em publicações (CANDOTTI, 1994; KERINGER, 2003).

Figura 1 - Modelo de investigação científica



Fonte: o autor, 2014.

O POSITIVISMO CIENTÍFICO

O positivismo científico trabalha com expressões matemáticas, mensuráveis através de valores quantificáveis (numéricos), geralmente traduzido em porcentagens. São muito utilizadas em estatísticas com grande número de aglomerados humanos ou amostras de dados obtidos com questionário ou coletas quantificáveis (amostras médicas, ocorrências de fenômenos, etc.) (BRANDÃO, 2011; SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009). A exemplo tem-se o IBGE, que realiza periodicamente amostras na população nacional através de porcentagens ou valores inteiros de ocorrência. Porém, este tipo de investigação não leva em consideração dados não mensuráveis pelas expressões numéricas ou que não possam ser interpretados desta forma, como é o caso de símbolos da cultura imaterial, o vocabulário, os mitos/lendas (folclore), os medos e todas as crenças espirituais de cada indivíduo e quiçá de uma população (MOREIRA, 2004). Estes métodos e modelos de investigação quantitativos são, portanto, Positivistas.

O positivismo teve início no século XIX, com August Comte e John Stuart Mill (décadas de 1830 a 1840) sendo utilizadas para estudos do comportamento humano, da mesma forma como os pesquisadores estudavam os objetos físicos (materiais): medindo variáveis físicas, químicas, etc. (MOREIRA, 2004). Outro pesquisador, que deu continuidade ao positivismo nascente e que contribuiu com inúmeros estudos, foi o francês David Émile Durkeim na década de 1890 (Ibidem, 2004). Todos os referidos autores, inseriram o método quantitativo positivista nas ciências sociais, o que vem persistindo até os dias atuais.

A FENOMENOLOGIA NA PESQUISA

Segundo Moreira (2004) e Cerbone (2012), a palavra fenomenologia foi utilizada pela primeira vez no início do século XIX, pelo cientista suíço-alemão Johan Heinrich Lambert, cuja etimologicamente vem do grego, "*phainomenon* (aquilo que se mostra a partir de si mesmo) e *logos* (ciência ou estudo)" (MOREIRA, 2004, p.63). Também

conhecida como interpretacionismo ou naturalismo, por realizar interpretações científicas das crenças, valores, cultura, vocabulário, escrita, e toda expressão que caracteriza um indivíduo e o torna único, bem como, sua identidade perante sua comunidade (CERBONE, 2012).

Por contraste, os interpretacionistas afirmam que as pessoas são diferentes dos objetos e que o estudo do comportamento humano, conseqüentemente, requer uma metodologia que leve em conta tais diferenças (MOREIRA, 2004, p.46).

A Fenomenologia trabalha com os significados das experiências de vida, das concepções e fenômenos qualitativos, explorando principalmente a estrutura da consciência humana (PASSOS; SATO, 2005). É "(...) o estudo das experiências vividas de cada um e a experiência humana com ênfase nos sentidos, interpretações, atividades e interações pessoais" (MOREIRA, 2004, p.46).

Os métodos qualitativos são métodos das ciências humanas que pesquisam, explicitam, analisam, fenômenos (visíveis ou ocultos). Esses fenômenos, por essência, não são passíveis de serem medidos (uma crença, uma representação, um estilo pessoal de relação com o outro, uma estratégia face um problema, um procedimento de decisão...), eles possuem as características específicas dos "fatos humanos". O estudo desses fatos humanos se realiza com as técnicas de pesquisa e análise que, escapando a toda codificação e programação sistemáticas, repousam essencialmente sobre a presença humana e a capacidade de empatia, de uma parte, e sobre a inteligência indutiva e generalizante, de outra parte (MUCCHIELLI, 1991, p. 3 *apud* HOLANDA, 2006, p.363).

As comunidades humanas são, portanto, fonte de estudos dos fenômenos socioambientais que emergem na sociedade contemporânea (CERBONE, 2012), para "(...) identificar padrões simbólicos, práticas, sistemas classificatórios, categorias de análise da realidade e visões de mundo do universo em questão". Elas podem responder às hipóteses/questionamentos deste universo de diversidade e possibilidades de resultados que nascem da subjetividade qualitativa (DUARTE, 2002, p.144).

INTERACIONISMO SIMBÓLICO

Uma das vertentes da Fenomenologia é o Interacionismo Simbólico, desenvolvido por George Herbert Mead na década de 1930 e mais tarde por Herbert George Blumer na década de 1960. Resumidamente, é uma abordagem que consiste "em vincular a visão cotidiana das pessoas cujas vidas queremos estudar" (MOREIRA, 2004, p. 47), por serem intersubjetivas¹.

É por meio desse processo de aprendizado de uma linguagem e interação com os outros que os seres humanos adquirem conhecimento e se desenvolvem mentalmente (MOREIRA, 2004 p. 48).

Esta premissa de interação-aprendizado é de fundamental importância (Quadro 1), já que os comportamentos humanos podem se alterar ao longo do tempo bem como a forma como os indivíduos percebem o mundo à sua volta à medida que novos contatos surgem entre indivíduos oriundos de outras comunidades (CUNHA; ALMEIDA, 2002).

Como seres interativos e auto-reflexivos, as pessoas também controlam, monitoram, ajustam e avaliam seu próprio comportamento ou longo do tempo (MOREIRA, 2004, p.48).

Quadro 1 - Premissas do Interacionismo Simbólico.

1ª)	O modo com um indivíduo interpreta os fatos em relação à outros indivíduos ou coisas depende do significado (ou significados) que ele atribui a esses indivíduos e coisas.
2ª)	O significado, porém, é resultado dos (ou é feito a partir dos) processos de interação sócia.l
3ª)	Os significados podem sofrer mudanças com o decorrer do tempo.

Fonte: Moreira (2004, p. 49).

MÉTODOS DA PESQUISA FENOMENOLÓGICA

Os procedimentos metodológicos mais adotados dentro desta abordagem científica são: Observação Participante (Quadro 2), Entrevistas (Quadro 3) e História de Vida (Quadro 4).

Quadro 2 - Método Fenomenológico da Observação Participante.

Descrição	O pesquisador não é apenas um observador, mas interage com o universo do objeto do seu estudo para entender toda a complexidade do comportamento humano e os simbolismos envolvidos.
	"uma estratégia de campo que combina ao mesmo tempo a participação ativa com os sujeitos, a

¹ O comportamento não pode ser estudado fora do contexto da comunidade em que vivem (MOREIRA, 2004).

Fenomenologia versus positivismo científico: metodologias aplicadas às pesquisas em comunidades humanas

Definição	observação intensiva em ambientes naturais, entrevistas abertas e análise documental" (p.52).
Tipologia do Pesquisador	<ul style="list-style-type: none"> • Participante completo - o pesquisador não revela seu projeto de trabalho e nem sua identidade como tal, mantendo-se como observador para infiltrar-se nos grupos, alegando que se revelado como pesquisador, não teria acesso ao grupo que deseja estudar; • Participante como observador - tem consentimento do grupo a ser estudado, e das atividades que eles realizam, em acordos coletivos e individuais; • Observador como participante - o pesquisador interage brevemente em alguns momentos com o grupo em estudo. Ocorrem durante a aplicação de entrevistas ou questionário, palestras ou reuniões; • Observador completo - não há interação com o público estudado, apenas análise de dados obtidos e experimentos de laboratório.

Fonte: Moreira (2002) e Schmidt (2006).

Quadro 3 - Método Fenomenológico da Entrevista.

Descrição	Realizar o diálogo com roteiro de perguntas aberto ou fechado, podendo ou não ser gravada ou filmada a locução.
Definição	"uma conversa entre duas ou mais pessoas com um propósito específico em mente" (p. 54)
Tipologia do Pesquisador	<ul style="list-style-type: none"> • Entrevista estruturada - através de um roteiro previamente escrito e preparado especificamente para o entrevistado(s), é procedida a leitura das perguntas ao entrevistado que as responde ou não; • Entrevista não estruturada ou aberta - neste caso não há roteiro fechado e sim, palavras chave para guiar perguntas elaboradas no momento da entrevista e outras que surgem (dúvidas, aprofundamento, etc.) a partir das próprias respostas do entrevistado; • Entrevista semiestruturada - o pesquisador elabora um roteiro para perguntar ao entrevistado, mas pode elaborar novas perguntas complementares, se julgar necessário, no momento da entrevista.

Fonte: Moreira (2002) e Cerbone (2012).

Quadro 4 - Método Fenomenológico da História de Vida.

Descrição	Busca obter informações da vida do público em estudo ou do indivíduo. Nestes casos são usados além da entrevista, pesquisa em documentos de diversas fontes: diários, cartas, autobiografias, vídeos, fotos, áudio, processos judiciais, atas de reunião, artigos, etc.
Definição	"busca a visão da pessoa acerca das suas experiências subjetivas de certas situações. Essas situações estão inseridas em algum período de tempo de interesse ou se referem a algum evento ou série de eventos que possam ter tido algum efeito sobre o entrevistado." (p.55).
Tipologia do Pesquisador	<ul style="list-style-type: none"> • História de Vida Abrangente - refere-se a toda vida do sujeito investigado, da tenra idade aos fatos mais recentes; • História de Vida Tópica - busca um recorte temporal na vida do sujeito investigado, buscando fatos específicos; • História de Vida Editada - pode ser um recorte temporal ou toda a vida do sujeito investigado, porém, o pesquisador busca elaborar explicações, comentários e questões a partir dos campos da ciência para os fatos encontrados.

Fonte: Moreira (2002) e Cerbone (2012).

Outros métodos ou técnicas que podem ser incorporados à pesquisa fenomenológicas são:

- Grupo Focal - visa trabalhar entrevistas e intervenções em um determinado grupo social, fortalecendo e multiplicando mudanças dentro do grupo em estudo (BARBOUR, 2009).
- Etnográfico - consiste na descrição das comunidades humanas e no entendimento dos significados que os atores sociais atribuem às suas ações (MARCONI; PRESOTTO, 2010).

- Pesquisa-Ação - consiste na intervenção a partir de um problema identificado, para o qual são levantados todos os dados necessários, na escolha de metodologias e no planejamento de ações para reverter a situação (SILVEIRA; CORDOVA, 2009). Se não houver mudanças, a Pesquisa-Ação não foi bem-sucedida, por isso, demanda um longo período de tempo para que seja realizada de modo correto.

FENOMENOLOGIA VERSUS POSITIVISMO CIENTÍFICO

Segundo Coltro (2000), a fenomenologia vem, desde sua concepção, sendo desacreditada como método pelos positivistas por tratar de aspectos inerentes à condição humana: subjetividade, abstração, vivências e experiências de contato direto com os fenômenos pelos sujeitos. Diferentemente da pesquisa quantitativa, que busca o abstrato, os fenômenos qualitativos não são mensuráveis por medidas numéricas e necessitam de uma profunda dedicação ao problema que esteja sendo estudado (MOREIRA, 2004; MORESI, 2003). Há também a necessidade da análise de todas as possíveis variáveis, interferências e influências que agiram sobre o objeto de estudo a partir de pressupostos da complexidade holísticas e sistêmicas para se chegar às possíveis explicações que se tornarão hipóteses comprovadas (MORESI, 2003). Para alcançar este tipo de entendimento demanda-se tempo já que esta metodologia necessita de uma abordagem multi, inter e transdisciplinar para que não haja recortes e sim uma visão ampla do resultado do estudo (ABÍLIO; SATO, 2012). A partir desta observação ampla pode se chegar às respostas concretas e profundas em relação à complexidade das relações sociais humanas e seu modo de interpretar, perceber e interagir nas inter-relações e com o mundo a sua volta (Ibidem).

A ruptura com o paradigma positivista e com a hegemonia do saber científico enseja o debate epistemológico e metodológico em torno da pesquisa em ciências humanas. A ideia de comunidades interpretativas faz apelo a uma democratização do saber e não apenas em seu momento de divulgação e “aplicação”, mas também na ordem de sua constituição ou produção (SCHMIDT, 2006, p. 13).

A visão qualitativa, portanto, entra em conflito direto com o positivismo, que é a visão quantitativa do universo, dos fenômenos e objetos vivos e inanimados (MOREIRA, 2004). Para o positivismo, o todo deve ser estudado em suas partes, preconizando a interpretação cartesiana da realidade, cuja visão mecânica da ciência sobre os objetos de estudo perdem na subjetividade dos campos estudados (CÓRDULA, 2011). Porém, cada abordagem possui sua aplicabilidade que por sua vez dependente exclusivamente dos resultados desejados em decorrência do arcabouço metodológico aplicado (GÜNTHER, 2006).

Desde a década de 1970 a subjetividade qualitativa vem resurgindo no campo das ciências humanas como alternativa para entendimentos dos fenômenos estudados por suas áreas e subáreas, e ainda para as discussões sobre sua eficiência como modelo científico por parte dos céticos positivistas em alguns países do globo (BRITO; LEONARDOS, 2001).

ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS

Para abordar métodos de pesquisa que tenham como objeto de estudo o ser humano é necessário tratar da necessidade eminente na atualidade e da ética da pesquisa com enfoque na legislação vigente.

Ao realizar estudos com seres humanos são necessários todos os procedimentos éticos e científicos para que os envolvidos na pesquisa mantenham sua integridade física, cognitiva, social, emocional, moral e espiritual (BRASIL, 2012). Deve-se a todo custo respeitar a liberdade e a autonomia dos participantes inclusive de não desejarem participar total ou parcialmente das pesquisas. Deve-se obter também a autorização para o uso das informações coletadas, proteger os dados pessoais dos participantes, e providenciar a reparação e/ou indenização de possíveis danos conforme determina a Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde (CNS) (Ibidem).

Pesquisa envolvendo seres Humanos é uma pesquisa que, individual ou coletivamente, tenha como participante o ser humano em sua totalidade ou partes dele e que o envolva de forma direta ou indireta incluindo o manejo de seus dados, informações ou materiais biológicos (Ibidem, p.02)

Portanto, projetos que envolvam seres humanos, em qualquer área: exatas, humanas, médicas, etc., devem passar por Comitês de Ética das Instituições de Ensino Superior (IES). Desta forma tenta-se garantir toda uma conduta responsável, compromissada e de respeito ao público envolvido direta ou indiretamente (SARDENBER, 1999).

O Comitê analisa os aspectos éticos da pesquisado para garantir que os participantes do estudo sejam respeitados e tenham seus direitos assegurados. Por isso é fundamental que um comitê independente analise o projeto de pesquisa antes que o estudo seja iniciado. O Comitê de Ética em Pesquisa trabalha para defender os interesses dos sujeitos das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos (SÃO PAULO, 2010, p.16).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ciência busca, através das abordagens Quantitativa e Qualitativa, investigar todos os fatos e fenômenos que ocorrem no ambiente, nos organismos e, dentre estes, na própria espécie humana. Alguns destes estudos buscam mensurar numericamente os seus objetos de estudo, sendo adotada, portanto, a abordagem Quantitativa. No entanto, quando a interpretação parte para o campo da subjetividade/abstratividade e da vivência direta das comunidades com os fenômenos naturais as percepções dos sujeitos, seus saberes, sua espiritualidade e seus aspectos culturais usa-se a abordagem Qualitativa.

As duas abordagens divergem na forma como os métodos atuam e na análise dos resultados obtidos. A abordagem Qualitativa é a que melhor traça o perfil dos problemas ou objetos de estudo investigados já que constrói um cenário com a maior quantidade de informações obtidas onde muitas destas informações não podem ser mensuradas numericamente.

Apesar de ter sua gênese no século XIX a abordagem Qualitativa vem evoluindo epistemológica e metodologicamente para firmar suas bases na ciência, e vem cada vez mais sendo adotada nas áreas humanas, médicas e exatas. Ao mesmo tempo há a preocupação em desenvolver a legislação e a ética na pesquisa com seres humanos através de regulações para que todos os direitos dos envolvidos sejam preservados, permitindo assim um desenvolvimento tecnológico e científico com bem-estar, compromisso e responsabilidade com os sujeitos envolvidos nas pesquisas.

REFERÊNCIAS

ABÍLIO, F. J. P.; SATO, M. Métodos Qualitativos e Técnicas de Coleta de Dados em Pesquisas com Educação Ambiental. In: ABÍLIO, F. J. P.; SATO, M. **Educação Ambiental: do currículo da Educação Básica às experiências educativas no contexto do Semiárido Paraibano**. João Pessoa, PB: Editora Universitária da UFPB, 2012, p. 19-76.

BARBOUR, R. **Grupos Focais**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BRANDÃO, A. R. P. A Postura do Positivismo com Relação às Ciências Humanas. **Theoria - Revista Eletrônica de Filosofia**, Pouso Alegre-MG, v. 3, n. 6, 2011. Disponível em: <http://www.theoria.com.br/educacao0611/a_postura_do_positivismo.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2014.

BRASIL. **Resolução 466 de 12 de dezembro de 2012** - Diretrizes e Normas para Pesquisas com seres Humanos. Brasília, DF: MMS/CNS, 2012. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em 02 jun. de 2014.

BRITO, A. X.; LEONARDOS, A. C. A Identidade das Pesquisas Qualitativas: construção de um quadro analítico. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 113, jul. 2001, p. 7-38.

CANDOTTI, E. Ciência na Educação Popular. **Ciência Hoje**, SBPC, Rio de Janeiro, n. 105, nov. 1994, p. 17-23.

CAPRA, F. **O Ponto de Mutação**. São Paulo: Cultrix, 2006.

CERBONE, D. R. **Fenomenologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CHIZZOTTI, A. A Pesquisa Qualitativa em Ciências Humanas e Sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, Portugal, v. 16, n. 2, 2003, p. 221-236.

COLTRO, A. A Fenomenologia: um enfoque metodológico para além da modernidade. **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, v. 1, n. 11, 2000. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/c11-arto5.pdf>>. Acesso em: 02 jun. 2014.

CÓRDULA, E. B. L. A Natureza Sistêmica da Realidade: em busca de uma percepção sustentável para a humanidade. **Revista Educação Ambiental em Ação**, Novo Hamburgo-RS, n. 36, Ano X, jun.-ago. 2011. Disponível em: <<http://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=1049&class=02>>. Acesso em: 02 jun. 2014.

_____. Hermenêutica do Construtivismo no Processo no Processo de Ensino-Aprendizagem. **Revista FAEMA**, Arquimedes-RO, v. 4, n.1, jan.-jun./2013a, p. 81-88.

_____. O Simbolismo na Transdisciplinaridade: para uma nova percepção socioambiental. **Revista Meio Ambiente e Sustentabilidade**, Curitiba-PR v. 3, n. 2, jun/dez. 2013b, p.188-201.

_____. Percepção e Formação do Sujeito Ambiental: mudanças no paradigma atual. **Revista Gaia**, João Pessoa-PB, v. 8, n. 1, 2014, p. 1-7.

CUNHA, M. C.; ALMEIDA, M. B. **Enciclopédia da Floresta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DUARTE, R. Pesquisa Qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 115, mar. 2002, p.139-154.

GENTIL, H. S. Pesquisa Educacional: quantidade - qualidade. **Revista da Faculdade de Educação**, Cáceres/MT, UFMT, ano IX, nº 15, jan.-jun./2011, p.177-183.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1987.

GÜNTHER, H. Pesquisa Qualitativa versus Pesquisa Quantitativa: está é a questão? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília-DF, v. 22, n. 2, mai./ago. 2006, p. 201-210.

HOLANDA, A. Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. **Revista Análise Psicológica**, n. 3, Ano XXIV, 2006, p. 363-372. Disponível em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v24n3/v24n3a10.pdf>>. Acesso em: 02 jun. 2014.

KERLINGER, F. N. **Metodologia da Pesquisa em Ciências Sociais**: um tratamento conceitual. 9ª reimpressão. São Paulo: Ed. Pedagógica Universitária LTDA, 2003.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2004.

MARCONI, M. A.; PRESOTTO, Z. M. N. **Antropologia: uma introdução**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MOREIRA, D. A. **O Método Fenomenológico na Pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

MORESI, E. **Metodologia da Pesquisa**. Brasília, DF: UCB/PRPG, 2003. Disponível em: <<http://www.inf.ufes.br/~falbo/files/MetodologiaPesquisa-Moresi2003.pdf>>. Acesso em: 02 jun. 2014.

PASSOS, L. A.; SATO, M. De asas de jacarés e rabos de borboletas à construção fenomenológica de uma canoa. In: SATO, M.; CARVALHO, I. (Orgs.) **Educação Ambiental: pesquisa e desafios**. Porto Alegre: Artmed, 2005, p. 2017-228.

RODRIGUES, N. Educação: da formação humana à construção do sujeito ético. **Educação & Sociedade**, Campinas-SP, ano XXII, n.76, out. 2001, p. 232-257.

SARDENBERG, T. A ética da pesquisa em seres humanos e a publicação de artigos científicos. **Jornal de Pneumologia**, São Paulo-SP, v. 25, n° 2, Editorial, mar.-abr. 1999, p.iii-iv.

SÃO PAULO (Cidade). **Comitê de Ética em Pesquisa**. São Paulo: PMS/SMS, 2010.

SCHMIDT, M. L. S. Pesquisa Participante: alteridade e comunidades interpretativas. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 17, n. 2, 2006, p. 11-41.

SILVA, J. G. Tendências Investigativas na Formação de Professores. **Revista Inter-Ação**, Goiânia-GO, UFG, v. 27, n. 2, jul./dez 2002, p.1-34.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A Pesquisa Científica. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Orgs). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS, 2009, p. 31-42.

WITTER, G. P. Pesquisa em Comunidades. **Brazilian Journal of Health**, São Paulo, v. 2, n. 3, set.-dez/2011, p.161-165.